

DESTERRADOS: BREVE COMENTÁRIO A ALGUNS CASOS DE EXÍLIO NA LITERATURA

Patrícia Helena Baialuna de Andrade¹

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo revisitar obras clássicas da literatura canônica universal a partir da perspectiva do exílio como *Leitmotiv* de seu enredo ou problemática fundamental de suas personagens. Partindo das reflexões teóricas de Edward Said acerca do tema, comenta-se de que maneiras o desterro está presente em textos como a *Odisseia*, os *Lusíadas*, *Robinson Crusoe* e outros, atentando para as diferentes figurações literárias e implicações psicológicas e políticas que o exílio pode tomar em cada um desses importantes textos.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio; Personagens; Motivo.

ABSTRACT: This paper aims to revisit classic and relevant pieces of universal literature focusing on the exile as a major motive of its plot or as a fundamental issue concerning its characters. Having as a reference the theoretical reflections of Edward Said about the theme, we intend to briefly analyze in which ways the exile is present in important texts as the masterpiece from Homer, the *Lusíadas* and *Robinson Crusoe*, among others, observing the different imagery used and psychological or political extensions that the exile may assume in each one of these texts.

KEYWORDS: Exile; Character; *Leitmotiv*.

Desde os mais remotos textos literários de que se tem notícia, encontramos em praticamente todos os períodos da história da humanidade o tema do exílio ou personagens de algum modo afastadas de suas origens. Da literatura clássica à renascentista, e desde então em todos os períodos da modernidade - como procuraremos exemplificar - amiúde nos deparamos com personagens que enfrentam os sofrimentos do exílio, tão variados que possam ser seus motivos.

Conhecido dos atenienses a partir do século VI a.C., o *ostracismo* foi uma das mais conhecidas formas de banimento sistemático aos indivíduos acusados de tentar usurpar o poder e ameaçar o regime republicano. Aquele que fosse considerado culpado por uma assembleia de atos políticos com intenções tirânicas era condenado a se retirar da sociedade ateniense por um período de dez anos. Tal qual um forasteiro, o ateniense banido perdia o direito de fazer parte daquela comunidade, e principalmente de exercer direitos políticos. Ainda entre os gregos – desta vez em se tratando de sua mitologia – o mito da migração

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP, campus Araraquara. patriciabaialuna@gmail.com. Bolsista CNPq.

estaria associado à punição. Queiroz menciona a guisa de exemplo, nesse sentido, o mito greco-romano de Io, condenada pela ciumenta Juno a uma fuga que só termina com a morte por haver atraído o afeto de Júpiter (QUEIROZ, 1998, p.39).

Quanto aos romanos, assistiram a um fluxo de migrações favorecido pela expansão do império e a construção de malhas viárias. Antigos historiadores como Catão e Varrão registraram esses deslocamentos populacionais, migrações colonizadoras que Sêneca não distinguiu das nômades (QUEIROZ, 1998, p.57).

Segundo Edward Said (2003, p.48), o exílio é uma “condição criada para negar a dignidade e a identidade às pessoas”; outrossim, estaria a dignidade do indivíduo essencialmente atrelada ao seu direito de conviver com os conterrâneos, e sua identidade intimamente ligada ao solo de origem. Para o crítico, o exílio está necessariamente ligado ao nacionalismo. Este seria uma afirmação de pertencimento a “um lugar, a um povo, a uma herança cultural” (SAID, 2003, p.49), criação de uma comunidade que compartilha de língua, costumes e passado comum, procurando rechaçar a separação; seriam, portanto, exílio e nacionalismo, constituintes mútuos dialeticamente.

Assim como a prática do ostracismo citada, frequentemente o exílio tem razões políticas. Mas estas não são exclusivas; veremos que o tema também se desenvolve na escrita dos que vão guerrear, de viajantes e descobridores, como será mostrado em seguida. Dos longos poemas épicos como a *Odisseia* e os *Lusíadas* ao romance de aventura do século XVIII e posteriores, pode o personagem exilado ser embutido de heroísmo, como Ulisses e Vasco da Gama, ou refletir os valores – o pragmatismo e a industriiosidade – de sua sociedade natal como Robinson Crusóé, ou ainda exprimir de modo contundente os sentimentos de inadaptação à terra estranha como fazem muitos personagens de Joseph Conrad.

As dificuldades da adaptação ao solo estrangeiro, por sua vez, multiplicam-se. O idioma pode ser uma barreira, a obtenção do sustento, a solidão, o estranhamento dos costumes e a lembrança dos entes queridos distantes que podem, porventura, passar por suas próprias dificuldades. Edward Said relaciona os conceitos de exílio e nacionalismo no que tangem à condição do indivíduo para com um determinado grupo:

Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo, o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal. Como, então, alguém supera a solidão

do exílio sem cair na linguagem abrangente e latejante do orgulho nacional, dos sentimentos coletivos [...]? (SAID, 2003, p.50).

Portanto, os sentimentos de exclusão e solidão inerentes ao exílio estão ligados não somente ao solo de origem, suas paisagens e locais de habitação ou onde residem as gratas memórias, mas também aos indivíduos que compõem o grupo de que se vê excluído, voluntária ou involuntariamente. Assim, ao fundamentarmos nossa leitura sobre as reflexões de Said acerca do tema, consideramos a necessidade de observar a condição das personagens exiladas em relação a seu grupo, nas relações que travam com o outro, quer se trate de sua família, dos compatriotas ou mesmo do poder do Estado que ele representa em terras distantes.

Ao discutir o tema do exílio confundem-se as personagens e fatos de obras literárias com pessoas reais, cuja biografia confirma terem sido afastadas da terra natal. É o caso, por exemplo, do autor dos *Lusíadas*, notadamente um viajante ultramarino, e também do polonês Joseph Conrad, que ainda na juventude deixou a Polônia para viver na França e, finalmente, na Inglaterra. Dados biográficos e ficção também se misturam e obrigam o crítico a um maior cuidado para analisar as obras da chamada Literatura de Exílio, produzida pelos autores de língua alemã repudiados pelo regime nazista. O estigma de viver como um forasteiro acompanhou um enorme número de intelectuais germânicos, e teve consequências funestas tanto individualmente – visto que sua maior parte enfrentou grandes dificuldades em terras estrangeiras – quanto coletivamente, pelo que significou para a arte alemã. À exceção da leitura da *Divina Comédia*, em que aproximaremos fatos da vida de Dante às figurações que faz de Florença e dos florentinos em seu poema, procuraremos nos ater ao âmbito ficcional de cada obra e de cada situação de exílio.

Simone Weil declarou que “ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana” (WEIL, 2002, p.43); essa necessidade se manifestará de formas diferentes nas personagens das obras expostas a seguir. Este será o foco e o fio condutor de nossa leitura através de variadas épocas da humanidade que mostram ter, em comum, a forte relação do homem com seu lugar de origem.

O retorno de Ulisses

A jornada de Odisseu (ou Ulisses) de volta a Ítaca deu origem ao substantivo moderno *odisseia*, indicativo de um percurso longo, cheio de aventuras e acontecimentos inesperados. Assim foi a volta de Ulisses, herói na guerra de Troia, para seu lar na ilha de Ítaca onde a esposa Penélope, dada por viúva, era disputada por inescrupulosos pretendentes. O poema de Homero, com mais de doze mil versos, foi escrito presumidamente entre os séculos VIII e VII a.C. e figura certamente no cânone da literatura universal pela engenhosidade de sua composição – que, segundo creem alguns autores, seria múltipla, e não apenas de Homero – e pela riqueza do enredo que desenha a mitologia dos gregos com os atos dos deuses entremeados à vida do herói humano que luta para voltar para casa.

Segundo Bernard Knox, Ulisses foi revisitado por vários autores posteriores como um explorador ávido por conhecer novos mundos, incansável em suas viagens; é o caso, como veremos adiante, da representação feita de Ulisses por Dante na *Divina Comédia*. Essa visão, contudo, seria equivocada, uma vez que o herói da *Odisseia* deseja, “acima de tudo, encontrar o caminho de casa e nela permanecer” (*apud* HOMERO, 2011, p.38). A causa da guerra de Troia o teria levado para longe de Ítaca, e não o anseio por explorar novas paisagens e povos. Estabelece-se, portanto, o caráter fundamental do desterro enquanto experiência involuntária, contrária ao desejo do indivíduo-personagem.

Retido em seu retorno após o sucesso na guerra por Calipso, que o mantém prisioneiro de seus amores por oito anos, Ulisses jamais expressa estar desfrutando os prazeres sensuais oferecidos pela deusa. Esses prazeres significam, antes, entraves para o guerreiro.

Na segurança de uma ilha cuja descrição idealizada se repercutirá mais tarde na Ilha dos Amores Camoniana, amado por uma deusa que quer lhe oferecer a imortalidade, Ulisses passa os dias na praia olhando para o mar, banhado em lágrimas, atormentado pela nostalgia de sua pobre e rochosa Ítaca, cheio de saudades da mulher e do filho” (LOURENÇO *apud* HOMERO, 2011, p.96).

As palavras de Frederico Lourenço, tradutor da edição utilizada da *Odisseia* e helenista, confirmam-se com a leitura dos versos 149 a 158, do Canto V:

Para junto do magnânimo Ulisses se dirigiu a excelsa ninfa,
depois que ouviu a mensagem de Zeus.
Encontrou-o sentado na praia, os olhos nunca enxutos

de lágrimas; gastava-se-lhe a doçura de estar vivo,
chorando pelo retorno. E já nem a ninfa lhe agradava.
Por obrigação ele dormia de noite ao lado dela
nas côncavas grutas; era ela, e não ele, que assim o queria.
Mas de dia ficava sentado nas rochas e nas dunas,
torturando o coração com lágrimas, tristezas e lamentos.
E com os olhos cheios de lágrimas fitava o mar nunca cultivado.
(HOMERO, 2011, p.200)

A descrição de Ulisses dada pelo poeta é a visão de um exilado inconsolável, para quem nenhuma alegria resta enquanto estiver apartado do objeto de sua melancolia; consome-se em sofrimento dia após dia, e o poeta deixa claro ao leitor que apenas a deusa se comprazia da demora de Ulisses na ilha. A “dor mutiladora da separação” (SAID, 2003, p.46) é apenas disfarçada pelo acento heroico, romântico ou glorioso que o texto literário possa conferir ao exílio.

Embora a ilha de Calipso seja mais bela que Ítaca e a beleza da deusa superior à da mortal Penélope – como o próprio Ulisses afirma em diálogo com a deusa -, ainda assim ele prefere o retorno a permanecer na ilha e ser transformado em imortal para gozar eternamente de tédidos prazeres, como muitos outros poderiam desejar. A própria voz de Ulisses, no mesmo Canto V, caracteriza-o como herói fiel à família e às origens, que nem mesmo a sedução de uma deusa poderia persuadir:

Deusa sublime, não te encolerizes contra mim. Eu próprio
Sei bem que, comparada contigo, a sensata Penélope
É inferior em beleza e estatura quando se olha para ela.
Ela é uma mulher mortal; tu és divina e nunca envelheces.
Mas mesmo assim quero e desejo todos os dias
Voltar para casa e ver finalmente o dia do meu regresso.
E se algum deus me ferir no mar cor de vinho, aguentarei:
Pois tenho no peito um coração que aguenta muita dor.
(HOMERO, 2011, p.202)

Além da fidelidade à esposa, Ulisses se mostra, nestes versos, disposto a ainda sofrer maiores dores do que as que já sofrera para finalmente voltar para casa. Declara ter “um coração que aguenta muita dor” – coragem e determinação de superar até mesmo os reveses impingidos pelos deuses, se assim pudesse atingir seu objetivo. Assim se passa, e outros obstáculos ainda viriam afastar Ulisses da terra natal: a jangada que construíra com o consentimento de Calipso não suporta a fúria das ondas, e ele naufraga próximo à ilha dos

feácios. Para sobreviver ao naufrágio, conta com o socorro de Ino, que lhe fornece um véu de supostos poderes mágicos para protegê-lo. Na terra dos feácios é bem recebido e tem auxílio deste povo hábil com embarcações para finalmente chegar a Ítaca.

O trajeto de Ulisses de Troia para casa sofre a todo tempo interferências das divindades, que, conspirando a seu favor – como Hermes e Atena – ou dificultando sua jornada – como Poseidon e Circe – parecem jogar com o destino do homem que, persistindo infatigavelmente, logra chegar à ilha natal e em sua casa encontrar uma desoladora situação por causa dos pretendentes de Penélope. Contudo, o exílio de Ulisses não termina imediatamente após sua chegada a Ítaca; o reconhecimento de sua identidade constitui uma espécie de prova a que ele submete seus entes queridos. Enfim, a ama reconhece-o pela cicatriz, o velho cão manifesta reconhecê-lo e em seguida morre; Penélope reconhece-o por saber ele que a cama era inamovível; e o pai, o velho e inconsolável Laertes, reconhece o filho e a seu lado batalha contra os atrevidos pretendentes. Somente após o reconhecimento completo e a expulsão dos aproveitadores restabelece-se a paz, Ulisses desfruta de seu lar ao lado da esposa e tem fim o exílio que durou vinte anos. O exílio se constitui, deste modo, no próprio conflito da narrativa que deve ser solucionado ao final, o impedimento à felicidade de Ulisses e sua família, que é vencido pela persistência e grandeza do personagem.

De acordo com Bernardo Lourenço, a personagem de Ulisses serviu de matriz para um sem-número de narrativas que sucederam a *Odisseia* através dos séculos; não só para o Ulisses de Joyce ou o viajante dos *Lusíadas* – que tantas referências fazem à obra grega, como procuraremos apontar logo adiante -, mas também para grande parte das “narrativas modernas de consumo rápido, quer falemos de Indiana Jones ou de ficção científica” (apud HOMERO, 2011, p.97). Para o tradutor e crítico, todos os soldados perdidos em terras inimigas ou mares hostis têm algo de Ulisses.

O exílio da Odisseia é, portanto, exílio do personagem que, movido pela obrigação de guerreiro que é de batalhar na guerra de Troia, prolonga involuntariamente seu afastamento do lar enfrentando vários obstáculos. Entre estes, alguns poderiam ser desejados pelo homem comum – como a insistência de Calipso ao mantê-lo cativo de seus amores -, outros foram provocados pela fúria de divindades; Ulisses, porém, com a grandiosidade esperada do herói das epopeias, vence todas essas dificuldades e não se deixa subverter do objetivo de retornar ao lar. O afastamento possui, no poema épico, uma dimensão individual, tratando-se da

relação de um homem com sua família e seu lar afastados. A própria terra natal mais parece significar uma extensão dos laços familiares de Ulisses que uma instância política ou a fonte de sentimentos nacionalistas. O dever para com a pátria estava cumprido na batalha; o desejo era, portanto, o retorno ao seio familiar.

Como vimos, os longos anos de exílio enfrentados pelo herói de Troia não foram voluntários. Há, porém, no primeiro canto do poema, uma voz que questiona esse fato: é a fala de Zeus, “o pai dos homens e dos deuses” (verso 28), que diz:

Vede bem como os mortais acusam os deuses!
De nós (dizem) provêm as desgraças, quando são eles,
Pela sua loucura, que sofrem mais do que deviam!
(HOMERO, 2011, p.120)

Embora Zeus se refira nesta passagem ao adúltero Egisto, responsabiliza os homens pelas dificuldades por que passam, sendo que logo em seguida a filha Atena intercede por Ulisses. Essa voz de repreensão à insensatez dos mortais nos faz lembrar uma outra que ressoaria séculos depois em terras portuguesas: a do Velho do Restelo, conhecido episódio dos *Lusíadas*.

Bravos *Lusíadas*

O episódio do Velho do Restelo não é a única passagem dos *Lusíadas* que faz referência ao poema de Homero; muitos são os versos que se referem diretamente à figura de Ulisses ou a seu autor. Logo no primeiro canto, a terceira estrofe se inicia com os versos: “Cessem do sábio Grego e do Troiano / As navegações grandes que fizeram / [...] Cesse tudo o que a Musa antiga canta / Que outro valor mais alto se levanta” (CAMÕES, 2011, p.18). Repetidamente ao longo do poema as comparações com grandes épicos clássicos surgirão para afirmar a superioridade deste poema, afirmando o poeta serem os feitos dos portugueses maiores que os dos heróis do passado.

Outra recorrência na obra de Camões – em semelhança à *Odisseia* – é a participação dos deuses mitológicos nos acontecimentos que compõem a jornada dos “novos argonautas”. Mais que participar, os deuses são diretamente responsáveis pelas tormentas ou pela salvação dos lusos; assim como Ulisses teve que enfrentar a ira e as armadilhas de Poseidon,

enfurecido pelo que o grego fizera a seu filho Polifemo, aqui é Baco que se opõe ao sucesso da viagem dos portugueses, por temer que obtenham tão grande fama que faça os povos se esquecerem do deus. Enquanto Ulisses conta com o auxílio de Atena e sua intercessão junto aos deuses, Vasco da Gama é protegido por Vênus, que age no poema de forma semelhante à divindade grega no texto de Homero, e por Mercúrio, que lhe aparece em sonho no Canto II para avisar que os mouros preparavam uma cilada. Os humanos têm ciência do quanto dependem das divindades. O poeta assim declara na última estrofe do Canto I:

Onde pode acolher-se um fraco humano
Onde terá segura a curta vida
Que não se arme e se indigne o Céu sereno
Contra um bicho da terra tão pequeno? (CAMÕES, 2011, p.47).

Afirma-se, pois, a fragilidade da vida humana; nas mãos dos deuses estão os viajantes, contando com sua clemência. Tal concepção do Poeta é expressa também pela voz de Vasco da Gama; como herói, possui o Gama as mais altas virtudes, entre elas a coragem. Contudo, reconhece a gravidade das emboscadas que sofre pelas mãos dos mouros, e admite depender da providência divina: “Quem poderá do mal aparelhado / Livrar-se sem perigo, sabiamente, / Se lá de cima a Guarda Soberana / Não acudir à fraca força humana?” (CAMÕES, 2011, p.56).

Os viajantes são descritos como “mísera gente peregrina” – na voz de Vênus, Canto II -, dada a terríveis sofrimentos no mar e em terras estranhas. Na narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde, o navegante expõe essas dificuldades:

Ora imagina agora quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos!
E do esperar comprido tão cansados
Quanto a desesperar já compelidos,
Por céus não naturais, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto já e danado o mantimento,
Danoso e mau ao fraco corpo humano;
E, além disso, nenhum contentamento,
Que sequer da esperança fosse engano.
Crê tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados não fora Lusitano,

Que durara ele tanto obediente,
Porventura, a seu Rei e a seu regente? (CAMÕES, 2011, p.163).

A fome, o cansaço, o temor ao desconhecido, o desespero: toda sorte de adversidades só teria sido vencida graças a serem os viajantes da nobre estirpe lusitana, bravos e obedientes a seu rei. O mantimento “corrupto” e “danoso”, estragado, contribuiria para ainda outra provação: o escorbuto, descrito algumas estrofes adiante como “doença crua e feia”, que sepultou a muitos em terras estranhas e causava o inchaço das gengivas e o apodrecimento das carnes, com “fétido cheiro” (CAMÕES, 2011, p.166). O que poderia levar esses nobres soldados a enfrentar tão grandes perigos longe de sua amada terra lusitana? Qual seria o motivo de sua peregrinação, de seu afastamento da terra natal?

Voltamos ao episódio do Velho do Restelo, no Canto IV, em meio à despedida dos viajantes que deixavam tantas mulheres, crianças e velhos desamparados (estrofes 89 a 93). Narram-se tão grandes tristezas que Vasco da Gama diz ter partido sem bem olhar nos olhos chorosos das que ficavam ou fazer as costumeiras despedidas (CAMÕES, 2011, p.141). Em meio às copiosas lágrimas das mães e esposas que eram deixadas e à dor dos que em breve estariam desterrados, ouve-se a voz de um velho “de aspecto venerando” (CAMÕES, 2011, p.142), que meneia a cabeça e diz:

Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama! [...]
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama! [...]

Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios [...]
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.
(CAMÕES, 2011, p.142).

A causa do exílio seria o desejo de alcançar “fama e glória”, por detrás do qual estaria a cobiça e o anseio de poder. De fato, ao longo do poema várias são as passagens em que o Poeta e o herói Gama dizem não ser possível atingir a desejável grandiosidade senão através de grandes e desafiadores feitos: “Por meio destes hórridos perigos / Destes trabalhos graves e temores / Alcançam os que são de fama amigos / As honras imortais e graus maiores” (CAMÕES, 2011, p.197). As próprias palavras do rei de Portugal, ao incumbir Vasco da

Gama de descobrir o caminho marítimo para as Índias, declaram que as coisas honrosas, que fazem dos homens “altos e famosos” (CAMÕES, 2011, p.137), só alcançam aqueles que ao medo não se rendem e são capazes de pôr a própria vida em perigo por grandes empreitadas. Para estes oferecem as ninfas os prazeres sensuais que lhes retribuem todos os sofrimentos e percalços da viagem, no episódio da “Ilha dos Amores”. Enquanto que para Ulisses o amor da deusa Calipso era um obstáculo à sua meta de voltar para casa o mais breve possível, para os viajantes lusitanos os amores das ninfas são uma recompensa merecida pelos trabalhos, a qual eles desfrutam de bom grado.

O desterro dos portugueses é motivado, portanto, pela fama que obteriam com o sucesso da viagem; isso mostra os valores que o Poeta assinala naquela sociedade e época: a importância de ser lembrado por seus feitos, de superar o que outros já fizeram, de demonstrar bravura diante dos perigos e deferência ao monarca, além da declarada submissão aos deuses. É também, de certa forma, o cumprimento de obrigações para com sua pátria e o rei a quem tanta lealdade dedicam. Embora Gama fale da terra natal com apreço e saudosismo (ver Canto III, estrofes 20 e 21), não hesita em deixá-la pelo mais alto valor da honra que vislumbrava. Difícil é para nós não nos lembrarmos, à leitura do poema, que Luís Vaz de Camões viveu os perigos da navegação e lutou pelo reino português em terras estrangeiras. O tom épico e as constantes interferências de seres mitológicos na narrativa afastam, contudo, definitivamente o poema da conhecida biografia do poeta. O exílio dos navegadores, em todo o poema de Camões pintado com as cores da nobreza e da coragem, tinha por motivação a ambição de engrandecer seu reino e conquistar as riquezas do comércio mercantilista que se estabelecia na Europa. Os marinheiros, impelidos pela obediência, por um senso de responsabilidade (pela pátria) e pela honra – consideradas por Simone Weil como verdadeiras necessidades morais da alma humana (cf. WEIL, 2002, p.7), não tinham nenhuma garantia de retorno, e arriscavam-se no mar bravio pela promessa de riquezas e reconhecimento, ainda que este último fosse póstumo.

Dante e o exílio de Florença

Maria José de Queiroz, na obra já citada, dedica um capítulo ao italiano Dante Alighieri pela estreita relação entre o exílio vivido pelo poeta e sua obra prima, a *Divina*

Comédia. Em meio às contendas políticas entre guelfos e gibelinos em Florença, Dante se mostra inclinado ao grupo dos gibelinos, que propõem um governo leigo em contrapartida à postulação dos guelfos de apoio ao poder irrestrito do papado. Atuante em favor da proposta laica em uma Florença dominada pelos guelfos – então divididos entre as facções dos brancos e negros -, o autor da *Comédia* é condenado a multa e exílio de dois anos. Inadimplente, sofre ainda mais dura condenação: bens seus são confiscados, e ficava o poeta sujeito à fogueira caso viesse a cair nas mãos da Comuna (ver QUEIROZ, 1998, p.113).

Perseguido e sujeitado a graves sanções, Dante ressentia-se contra a cidade natal que tão ingratamente o tinha. Passa a escrever inúmeras e furiosas cartas aos “perversos florentinos”, e seu desgosto para com os concidadãos se mostraria também na *Comédia*, como procuraremos em seguida demonstrar pelas maneiras como ele se refere a Florença e aos florentinos nos versos do poema. As ácidas críticas do poeta remetem à postura que Edward Said ressalta entre os exilados:

Obstinação, exagero, tintas carregadas são características de um exilado, métodos para obrigar o mundo a aceitar sua visão. [...] Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas à obra dos exilados. Os artistas no exílio são decididamente desagradáveis, e a teimosia se insinua até mesmo em suas obras mais elevadas. (SAID, 2003, p.55).

Abrigado por amigos de outras cidades – como Verona e Ravena, por exemplo -, Dante recusa a oferta do governo florentino de anistia aos desterrados, sob a condição de que oferecessem seus bens à cidade em cerimônia pública. Morre no exílio em Ravena, em 1321, tendo escolhido como idioma de sua obra imortal a língua do povo, o toscano, desprezando o latim clássico imposto aos estudantes pelo papa Inocêncio II e utilizado pelo clero e pelos eruditos em geral. Apenas décadas mais tarde, em 1373, a República de Florença viria a reconhecer “as injustiças cometidas contra o ‘indigno exilado’” (QUEIROZ, 1998, p.124), nomeando um ilustre leitor – Boccaccio – para comentar sua obra. A partir de então se multiplicariam os leitores da *Divina Comédia*, e estaria para sempre Florença marcada pelas atrocidades que o poeta lhe atribuíra nos versos.

Essas caracterizações provêm principalmente dos diálogos que o personagem Dante trava com os condenados em sua passagem pelos círculos do inferno. No canto VI, por exemplo, ao passar pelo terceiro círculo Dante encontra Ciaco, condenado pelo pecado da

gula, que se refere a Florença como “A tua cidade, / que as discórdias civis enchem tanto, que já transborda o saco” (ALIGHIERI, 1975, p.53). Pouco adiante, inquirido sobre o futuro da “cidade dilacerada pelos partidos” (ALIGHIERI, 1975, p.53), Ciaco prevê o futuro de Florença sob os conflitos de brancos e negros, que se alternariam no poder. Outro condenado com quem Dante conversa no canto X é Farinata, que pergunta a Dante “por que é o povo florentino tão cruel contra os meus em todas as suas leis?” (ALIGHIERI, 1975, p.122); ainda Bruneto, no canto XV, refere-se aos habitantes de Florença como “ingrato povo maligno [que] mantém ainda a rudeza do monte e da rocha” (ALIGHIERI, 1975, p.122), “gente avarenta, invejosa e soberba” (ALIGHIERI, 1975, p.122), de quem Dante melhor faria conservar-se afastado de seus costumes.

Ao entrar no oitavo círculo, três sombras se aproximaram de Dante, querendo saber se seria ele de Florença, “da nossa corrupta terra” (ALIGHIERI, 1975, p.125), aos quais o viajante diz: “A gente nova e as riquezas acumuladas em pouco / geraram orgulho e desmesura, em ti, Florença, / e já tu te lamentas sentindo os danos” (ALIGHIERI, 1975, p.128).

No canto XVII, ao passar pelo sétimo círculo, Dante encontra muitos usurários de Florença; no canto seguinte, adutores que conhecera em vida; mais adiante ladrões da pior espécie, e a cada momento da travessia dos círculos infernais surgia algum personagem conhecido do viajante, leigo ou clérigo, condenados por toda sorte de pecados. O inferno estava repleto de florentinos, e desta maneira Dante apontava a perfídia dos concidadãos. O canto XXVI do poema já se inicia com as duras palavras de Dante dirigidas à cidade natal: “Regozija-te, Florença, pois eis-te tão grande, / que, presentemente, voas por mar e por terra / e eis que fazes falar de ti no inferno!” (ALIGHIERI, 1975, p.209). Ironicamente, o poeta exalta a grandeza de sua terra, que a faz tão amplamente conhecida: grandeza de maldades, que espalha seus filhos pelos círculos infernais. De fato, a serenidade não dá o tom da visão de Dante sobre sua Florença; suas críticas não temem ser desagradáveis, como prevê Said; antes, pretendem mostrar toda a revolta do cidadão que se vê injustamente banido e espoliado.

Até mesmo personagens da história e da literatura grega são encontrados por Dante em sua passagem por entre os condenados à escuridão e dor; Ulisses, nosso primeiro exemplo de viajante afastado da terra natal, é ouvido no oitavo fosso:

Nem a doçura de meu filho, nem a piedade

do meu velho pai, nem o devido amor
que devia ser tão grato a Penélope

Puderam vencer em mim o ardor
que me arrastava a conhecer o Mundo,
os vícios e as virtudes dos homens
(ALIGHIERI, 1975, p.213).

De volta a Ítaca, Ulisses não se havia satisfeito com a pacata vida familiar e foi vencido pelo “ardor” de conhecer o mundo, pelo qual era agora condenado a penar junto com outros temerários. Bastante diferente foi a motivação do Dante personagem da *Comédia*, que se engajou na terrível travessia porque seu espírito “sentia ainda a ansiedade / de salvar-se” (ALIGHIERI, 1975, p.10). Desviado do caminho da virtude, a viagem pelo inferno, purgatório e paraíso significam para ele o retorno à retidão, salvação de sua alma, justa motivação. Ao mesmo tempo, cada passo da viagem expõe os vícios dos inescrupulosos habitantes da Florença. Condenado ao exílio, Dante condena os florentinos através de seus versos. Séculos depois, outro escritor ficaria conhecido por criticar a sociedade em que vivia e apontar-lhe as máculas em sua obra.

Robinson Crusóe: reinando em cativo

A biografia do londrino Daniel Defoe aponta para uma série de desencontros do filho de comerciantes dissidentes da igreja inglesa em sua busca pela prosperidade material. Tendo investido em diferentes negócios e se envolvido em malfadadas especulações, nunca conseguiu enriquecer como desejava, e, munido do mais afiado espírito crítico conquistou a inimizade de governantes, chegando mesmo a ser preso. Entre as várias ocupações que teve ao longo da vida, escreveu artigos de cunho político para a revista *The Review*, e somente no início da velhice descobriu sua habilidade como escritor de ficção.

Queiroz indica que a mais famosa obra de Defoe, *Robinson Crusóe*, seria baseada na história verídica do escocês Alexander Selcraig – ou Selkirk -, encontrado por marinheiros vivendo sozinho havia anos na ilha *Más a Tierra*, no arquipélago Juan Fernández. Selkirk teria se utilizado de alguns poucos recursos oriundos do mundo “civilizado” para estabelecer um modo de vida autossuficiente na ilha (QUEIROZ, 1998, p.160-162). A mesma autora aponta para o surgimento, após a publicação do texto de Defoe, de uma série de obras que

revisitavam o *robinsonismo* em diversos países. Teriam elas em comum, segundo Queiroz (QUEIROZ, 1998, p.176), que “em todas as reelaborações da personagem de Defoe o que se retém é a sua condição de solitário, de estrangeiro, de expatriado, onde quer que se encontre”.

Do mesmo modo que teria feito Selkirk, o personagem de Defoe “recria um *habitat* civilizado” (QUEIROZ, 1998, p.167). Embora o dinheiro que ele recupera do navio naufragado não lhe tenha ali nenhuma serventia, outros aspectos da civilização são repaginados, tal como o empenho de Robinson em fazer benfeitorias na ilha (que lhe trouxessem mais comodidade), sua postura de dono ou rei do lugar, o sentimento de superioridade cultural com relação aos indígenas que ocasionalmente visitavam a ilha para festins antropofágicos e a relação de submissão que se estabelece entre Sexta-Feira e seu salvador inglês.

No *modus vivendi* de Robinson em “sua” ilha, destacam-se valores europeus como o apreço ao trabalho, que teria mantido o personagem ocupado e motivado durante os longos anos de solidão, e a religião cristã, com a qual Robinson vive um dilema na primeira parte do romance e acaba por abraçar definitivamente. Essa questão religiosa poderia se desdobrar em outras discussões pertinentes ao texto: ao mesmo tempo em que Robinson procura garantir, com a chegada de novos habitantes à ilha, que esta fosse um espaço de liberdade (o que significava diversidade) religiosa, mais tarde ele viria a se empenhar na conversão dos nativos ao cristianismo, e agiria com brutal desrespeito à liberdade religiosa ao destruir, na segunda parte do romance, o ídolo que os “ignorantes” moradores de uma aldeia na Rússia adoravam. O período em que viveu solitário na ilha teria sido uma penitência e um reencontro com a fé cristã anteriormente ignorada. O próprio personagem se refere ao tempo passado na ilha como “meu reinado ou cativo” (DEFOE, 2012, p.108), experiência de múltiplas faces.

Na medida em que novos habitantes chegavam à ilha, imbuía-se Robinson de maior poder: por conhecer os modos de sobrevivência em ambiente tão selvagem, sentia-se dono da vida e da morte dos demais, a ponto de se referir a eles como seus “súditos” (DEFOE, 2012, p.164). O jovem marinheiro que ao ali chegar padecia duras provações acabou por assenhorear-se da terra e do povo que ali se deixou ficar, tal qual verdadeiro colonizador.

Contudo, apenas os últimos quatro anos da estadia na ilha trouxeram para o protagonista o convívio com outros seres humanos; durante os vinte e quatro anos de absoluta

solidão, confortada pelo duro trabalho e pela descoberta da religiosidade, Robinson chega a se dizer feliz com a vida que ali levava:

Dei sinceras graças a Deus por me ter revelado que eu podia ser mais feliz vivendo isolado do mundo do que no convívio social, com todos os seus prazeres. Agradei-lhe o ter compensado tão completamente as misérias de minha solidão, bem como a falta de convívio social pela sua presença e graça, suportando-me, confortando-me e encorajando-me [...]. (DEFOE, 2012, p.94).

Tem-se aí um homem que, impedido de agir conforme seu impulso itinerante, apega-se à fé cristã como consolo para as dificuldades da vida solitária e de poucos recursos. Não se pode deixar de notar, no excerto citado acima, uma crítica ao modo de vida burguês europeu que se esperava que Robinson levasse: afinal, ele diz ser mais feliz no completo isolamento do que no convívio que tinha. No entanto, procurou, de toda forma possível, reproduzir o modo de vida “civilizado” que conhecia. De acordo com Said, “os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado” (SAID, 2003, p.50).

Para Robinson, o que o trouxera até aquela tão difícil situação era um impulso terrível, uma “maligna influência” que o afastara da casa do pai (DEFOE, 2012, p.29), ou, em suas próprias palavras: “Todos esses desastres eram causados por minha adesão obstinada à louca tendência de vagar pelo mundo e por alimentar essa inclinação, em conflito com as perspectivas tão mais claras de tornar-me feliz” (DEFOE, 2012, p.46). Colocado em maus lençóis devido a esse impulso por várias vezes, o personagem parece aceitar esse traço de sua personalidade e, embora lute contra ele ao voltar à Inglaterra e constituir família depois de 28 anos de exílio em “sua ilha”, alguns anos de vida pacata o deixam fortemente incomodado. Com a morte da esposa, Robinson deixa os filhos na Inglaterra e parte, tendo já mais de sessenta anos, para novas aventuras – desta vez no oriente – como comerciante.

Ao longo do romance de Defoe, o personagem vive várias situações de afastamento da terra natal, e considera-se responsável pelos percalços que sofrera nessas situações. A principal experiência de exílio, porém, advém-lhe com a fatalidade de um naufrágio, e ainda assim Robinson se culpa por suas desgraças e transforma, ao longo dos anos solitários, sua condição de sobrevivente que luta para obter alimento em uma condição de colonizador,

senhor da ilha, do conhecimento necessário para nela viver, e governante dos novos habitantes. O exílio que começa como cativo finda como reinado.

Joseph Conrad e a terra primeva no *Coração das trevas*

Outro escritor que vivenciou as agruras de ser forasteiro e o sentimento de inadaptação à nova pátria foi o polonês radicado na Inglaterra Joseph Conrad. A novela *Coração das Trevas*, publicada em 1902, é uma das mais conhecidas dentro da obra deste autor exilado desde a infância por razões políticas. Tendo escrito em língua inglesa, foi por isso condenado por alguns conterrâneos poloneses que consideravam o abandono da língua materna como uma traição por parte do escritor. Queiroz aponta traços, na vida e na obra de Conrad, de uma possível culpa pela deserção do país em meio a turbulências políticas (ver QUEIROZ, 1998).

Na novela mencionada, cuja difusão foi aumentada ao basear-se em seu enredo o filme *Apocalypse Now!*, de Francis Ford Coppola, retrata-se um momento histórico notável de colonização – ou exploração – do continente africano pelos países europeus. Em *Coração das Trevas* o narrador personagem “cede” a narração a Marlow, “homem do mar”, “homem errante” (CONRAD, 2008, p.12) que relata sobre sua incursão pelo rio do Congo até as mais remotas paragens da selva africana. Comissionado para comandar um barco rio acima até os postos de comércio já estabelecidos, Marlow compara sua viagem às explorações dos romanos, muitos séculos antes, enfrentando numerosos percalços pela expansão do império; da mesma forma que se dera com Marlow, os antigos navegadores romanos teriam encontrado “aqui e ali um acampamento militar perdido no meio da selva, como uma agulha num palheiro – frio, bruma, tempestades, doença, exílio e morte” (CONRAD, 2008, p.13). Todos esses sofrimentos eram agora enfrentados pelos interesses econômicos de uma Europa que buscava estender seus domínios e explorar ao máximo um valioso produto daquelas inóspitas paisagens: o marfim, obtido dos nativos através do escambo de produtos europeus (pouco valiosos para estes), como tecidos, facas e lenços de baixa qualidade.

Logo na chegada ao continente africano, Marlow teria tido o mau pressentimento dos infortúnios que presenciaria na jornada: “Naquele momento, só tive um mau presságio, como se percebesse um aviso” (CONRAD, 2008, p.29). Tudo no ambiente selvagem que o circunda oprime e causa temor. Marlow compara o território à Terra das primeiras eras, uma terra

virgem, inexplorada, que abria a sua frente uma viagem ao passado mais remoto da humanidade.

Um dos principais objetivos da viagem de Marlow era navegar mais de mil quilômetros até um posto de comércio situado no interior do continente, e de lá trazer de volta um funcionário da Companhia – Kurtz, descrito como um homem notável, eloquente e cujos métodos de colonização eram vistos como inadequados pelo gerente. Kurtz, que causou grande impressão em Marlow, tinha ideias grandiosas para a exploração daquele lugar; ideias ambiciosas, e para obter a riqueza daquela terra usava seu incomparável talento como orador para lidar com as tribos nativas. O modo de vida primitivo que se impunha aos que ali se aventuravam acabou por embotar seu senso de valores europeu, e a visão das possibilidades de exploração do lugar tornou-se-lhe uma obsessão. Ao se embrenhar pela terra selvagem, em meio aos silvícolas e conhecendo os mais duros dos sentimentos humanos, Marlow afastou-se da civilização de seu berço inglês e se viu cercado pelo primitivismo tanto exterior quanto no espírito daqueles homens que só viam diante de si o valor do marfim; uma viagem a tempos passados, anteriores à civilização tal como a concebia. Fora do território da moral e dos costumes da sociedade burguesa, Marlow se deparou – diferentemente do isolado Robinson Crusoe, que reproduziu no exílio sua sociedade tanto quanto lhe foi possível – com o desterro das fronteiras da ética e da fraternidade.

Com motivações econômicas – como as tinham os grandes navegadores de Camões -, o deslocamento para uma terra totalmente nova e inóspita é voluntário para os exploradores europeus do continente africano. A terra que encontram, como para tantos outros exilados – inclusive alemães fugitivos de Hitler –, causa um misto de encantamento e temor. A opressão causada pela imponente paisagem das florestas tropicais; a inadaptação frente ao sistema de valores tão diferente dos povos nativos; o temor diante do desconhecido: são os sentimentos de um exilado que esses personagens, representativos de todo um processo imperialista, tomam sobre si pelos interesses (financeiros) de seu país. Retornam as questões, já tangenciadas pelas obras anteriormente citadas, do cumprimento das obrigações – ainda que questionáveis – para com seu país, da exploração do desconhecido impulsionada pela ambição, entre outras. O que Marlow e os personagens de Conrad não vislumbram, diferentemente de Vasco da Gama e seus asseclas, é o desfrute de uma recompensa pelo enfrentamento de tantos temores e perigos.

Considerações finais

Como procuramos mostrar através da leitura de obras de diferentes épocas e países, a relação do homem com sua terra natal e o afastamento – voluntário ou involuntário – são facilmente encontrados na literatura. Tema explorado sob diversas perspectivas e em diferentes contextos históricos e políticos, pode ter implicações políticas, sociais ou quase que se restringir ao plano do estético.

Afastados do conjunto de valores de sua sociedade como Marlow, de seu modo de vida burguês e civilizado como Crusoé, de seu lar e família como Ulisses, de sua amada pátria como os navegadores portugueses ou de sua desprezada cidade como Dante, esses personagens – e tantos outros na literatura universal – problematizam a relação com seu solo e raízes; lutam por sua nação ou dela se afastam em defesa de outros interesses; sofrem pela saudade ou se ressentem de seu lugar de origem com amargor. A relação do homem com sua terra pode ser mostrada através de inúmeros prismas, de modo puramente ficcional ou com conhecidas interferências biográficas. Tema vigoroso desde a literatura clássica até a era moderna, “o *pathos* do exílio está na perda de contato com a solidez e a satisfação da terra” (SAID, 2003, p.52). Trata-se, como reflete Said, de uma estética da perda: perde-se a solidez, esvai-se a segurança, enfrentam-se os temores. A própria capacidade de sustentar-se em solo estrangeiro é frequentemente um desafio; encontrar alegria no viver desterrado é impossível, como no caso de Ulisses e como aponta Said ao ressaltar-lhe o caráter mutilante (ver SAID, 2003, p.47). Uma vez que o retorno ou a “satisfação da terra” nem sempre é possível, o exilado “não vive, sobrevive; não convive, coexiste” (QUEIROZ, 1998, p.300).

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Rio de Janeiro: Editora Fase Ltda, 1975.
CAMÕES, Luis Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto Alegre: L&PM, 2011.
CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Tradução de Sergio Flaksman e posfácio de Luiz Felipe de Alencastro. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoé*. Tradução de Flávio P. de F. e Costa Neves. São Paulo: Editora Martin Claret, 2012.
HOMERO. *Odisséia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura de exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEIL, Simone. *The need for roots*. New York: Routledge Classics, 2002.

Artigo enviado em agosto de 2014.

Artigo aceito em setembro de 2014.